

PRÓLOGO

Esta obra é publicada quando se celebra o centésimo aniversário do nascimento de Jean Piaget. No entanto, este livro não é nem um elogio de circunstância, nem uma biografia que reconstitua, ao pormenor, os factos e gestos e o percurso intelectual do sábio. Outros já o fizeram com talento, e o contributo científico de Piaget não acabou de ser avaliado, analisado, reconsiderado. Portanto, a intenção não é «explicar» Piaget, e muito menos detectar, a posteriori, uma trajectória inteiramente traçada pelo destino.

Aqui, a ambição é outra: desejámos, antes do mais, reconstituir o contexto histórico, no sentido amplo do termo, que permitiu a eclosão do pensamento de Jean Piaget. Procurámos recriar o «clima» que favoreceu tanto saber e tanta curiosidade por tudo o que diz respeito ao conhecimento. Certamente, existe uma grande parte de génio pessoal em Piaget, mas, e aliás como ele ensinava, a sua obra é também o resultado de um processo, o de um homem que se formou num meio social e cultural particular; num «caldo de cultura», digamos assim, para nos servirmos de uma metáfora biológica.

Quem são, então, os artesãos dessa cultura? Quem são os co-autores, os parceiros, os provocadores que animaram o início da carreira de Jean Piaget? Com que acontecimentos e com que ideias foi ele confrontado? No plano de fundo que a história particular de Neuchâtel constitui, desenha-se a vida da família e do meio em que se insere, a educação, a escolaridade e o percurso universitário, mas também as primei-

ras amizadas, a frequência da sociedade dos Amici Naturae, dos círculos cristãos, dos meios científicos. A primeira parte deste livro é inteiramente consagrada ao quadro de Neuchâtel no primeiro quarto deste século, a esses anos decisivos para o futuro destino de Piaget. Se insistimos nestas raízes, é para mostrar a que ponto a atitude de Piaget se deve às suas primeiras interrogações e o quanto ela está impregnada do húmus rico da sua terra natal.

Numa segunda parte, procurámos mostrar como Piaget conseguiu situar-se no centro de uma multiplicidade de teorias que surgem nas ciências desde a segunda metade do século XIX e, em particular, nas ciências sociais. Piaget soube ocupar um lugar eminente no cruzamento de um grande número de disciplinas, tendo em conta tanto a pedagogia como a lógica, a filosofia e a sociologia como a psicologia da criança. Desde os seus primeiros escritos, na década de 1910, Piaget está presente nos debates que animam o mundo universitário deste século.

A sua silhueta recorta-se no pano de fundo constituído pelas correntes científicas da sua época, que John Rijsman nos desenha aqui: vemos a psicologia nascer dos trabalhos do fisiologista russo Ivan Pavlov e da abordagem de Wundt, que funda na Alemanha o primeiro laboratório de psicologia experimental; ela surge também de uma nova forma de conceber a loucura – ou antes o inconsciente – em psiquiatria, com Freud em Viena e Jung em Zurique; a pediatria balbuciante «reinventa» o papel da infância e debruça-se sobre as condições psicológicas da educação: Montessori em Roma, Decroly em Bruxelas, Claparède em Genebra, inspirando-se, em parte, no outro lado do Atlântico. A instrução pública, que se tornou obrigatória, conhece problemas de administração que, também eles, marcarão a nova psicologia, em particular através dos trabalhos de preparação de um «teste de inteligência», realizados por Alfred Binet. É, aliás, no seu laboratório que Jean Piaget, instigado por Théodore Simon, conduzirá os seus primeiros estudos de psicologia infantil, recordando, sem dúvida, os debates psicanalíticos a que acaba de assistir, como aluno, em Zurique. Ele pensa também nas relações entre a lógica e a elaboração dos conhecimentos que o seu mestre, em Neuchâtel, o filósofo Arnold Reymond, estabelecia e nas suas próprias experiências no seio do movimento de juventude fundado em Neuchâtel por Pierre Bovet, esse cristão fervoroso, também ele, leitor de William James.

Grandes questões interessam, então, os espíritos científicos: as relações do indivíduo e do social; a evolução das espécies e a do conhecimento; o papel do inato e do adquirido, etc. Piaget é filho de uma época complexa, de um terreno fértil, de uma busca militante, como muitos outros actores desta aventura intelectual. Aliás, a sua recepção será múltipla e variada: como aqui o mostra Daniel Hameline, existem várias figurações do nosso herói.

O PERCURSO DE JEAN PIAGET

Nascido a 9 de Agosto de 1896, em Neuchâtel, a pequena capital de uma república e cantão suíço situada na base da cadeia montanhosa do Jura, Jean Piaget é educado num meio de cultura e de fé. Uma escolaridade sem problemas permite-lhe enveredar por vários atalhos. Depressa se apaixona pelas ciências naturais, auxiliado nos seus primeiros passos por investigadores e por professores atentos e benevolentes. Ele trava imensos contactos com colegas que partilham as suas interrogações. Atraído igualmente pelo cristianismo social que o pastor Paul Pettavel representa nesse outro pólo intelectual, económico e artístico do cantão de Neuchâtel, que é a cidade de La Chaux-de-Fonds, ele começa a envolver-se nos seus debates. As publicações de juventude de Piaget testemunham essa dupla paixão pelos problemas científicos e pelas ideias filosóficas e religiosas.

Piaget parece efectuar os seus estudos na Faculdade de Ciências da Universidade de Neuchâtel como diletante, ocupado em estabelecer também contactos estreitos com as disciplinas ensinadas nas outras faculdades. A sua saúde frágil obriga-o a frequentes estadias nos Alpes e ele aproveita-as para recolher moluscos, que fornecerão a matéria-prima da sua tese. Mas este trabalho de doutoramento parece algo insignificante, ao mesmo tempo que numerosas publicações asseguram já a sua reputação nos meios especializados.

Biólogo, preocupado com a filosofia das ciências e com as relações entre crença e conhecimento, Piaget descrever-se-á como alguém que faz uma digressão pela psicologia para se interrogar, por meio de métodos novos, sobre a questão central da epistemologia. E é talvez a contragosto que é hoje conhecido, antes do mais, como psicólogo e até como pedagogo.

Após a sua sólida formação em Neuchâtel, Piaget vai, então, prosseguir os seus estudos em Zurique e em Paris. Ele encontra-se numa encruzilhada entre as culturas alemã e francesa: Kant e Bergson, mas também Freud e Léon Brunschwicg. No seu capítulo, Jean-Jacques Ducret mostra-nos Piaget procurando instrumentos na psicologia infantil para avançar a sua investigação filosófica em epistemologia e nas ciências, mas também para, de uma certa maneira, verificar as hipóteses formuladas pelo seu mestre Arnold Reymond. Ele inspira-se no seus trabalhos de malacologia, transpondo para a psicologia os conceitos de acomodação e de assimilação.

Instalado em Genebra a partir de 1921, aí efectua o essencial da sua carreira universitária. Esta é interrompida por estadias em Neuchâtel, Lausana e em Paris. Na sua terra natal, ele irá ensinar filosofia e história das ciências, psicologia e sociologia, de 1925 a 1929. Na capital francesa, berço da sua família materna, trabalhará primeiro no laboratório de Binet. Alguns anos mais tarde, em 1942, voltará a ensinar aí, no Collège de France, e depois, em 1952, como substituto de Maurice Merleau-Ponty na cadeira de filosofia da Sorbona.

Mas Genebra permanece o ponto de referência. Ele é aí chamado por Edouard Claparède e Pierre Bovet, os fundadores do Instituto Jean-Jacques Rousseau, para ir trabalhar com eles. Tornar-se-á director dessa instituição, cargo que poderá assumir graças aos co-directores, eminentes pedagogos, seus compatriotas de Neuchâtel – originários de La Chaux-de-Fonds –, Samuel Roller e Laurent Pauli. A partir de 1929, Piaget ensina história do pensamento científico, na Faculdade de Ciências da Universidade de Genebra, onde ocupará também um cargo de ensino de psicologia experimental, assim como a cadeira de sociologia, de 1939 a 1952. Ele é nomeado para a presidência do Gabinete Internacional da Educação, em 1929. Em 1936, ensina psicologia experimental e sociologia, em Lausana.

É em Genebra que ele funda um Centro Internacional de Epistemologia Genética, em 1955. A criação deste laboratório original e pluridisciplinar marca o princípio de um impressionante percurso científico de vinte e cinco anos, pontuado por uma soma de publicações dificilmente igualável.

A obra de Piaget não se resume, de tal modo é diversa e abundante. No entanto, ela enraíza-se sempre numa mesma questão: como é possível o conhecimento? A sua produção estende-se ao longo de setenta

anos de trabalho fecundo e conhece uma difusão e uma notoriedade consideráveis. Não têm conta as traduções das suas obras, em todas as línguas, que serão referência nas universidades e laboratórios de todo o mundo. Frequentemente controverso, mas quase sempre admirado, Piaget foi honrado com mais de trinta títulos de doutor honoris causa e galardoado por diversas vezes. Recebeu o Prémio Erasmo, em 1972, e o Prémio Balzan, em 1980, comparável ao Nobel para as ciências sociais. A Fundação dos Arquivos Jean Piaget, em Genebra, continua a recolher artigos e testemunhos sobre o ilustre sábio.

O HOMEM DE UM SISTEMA

Nesta obra, Jean Piaget aparece como o homem da continuidade, da fidelidade a um sistema coerente; ele representa o cientista que lavra paciente e laboriosamente o mesmo sulco, que prossegue a sua tarefa com constância, reunindo as forças dos seus colaboradores para construir uma obra muito específica. Dos seus primeiros ensaios sobre os moluscos até aos seus trabalhos mais brilhantes e mais elaborados sobre o desenvolvimento da inteligência humana, Piaget permanece dominado por uma só ideia, mas que ele exprime de múltiplas maneiras, fiel nesse aspecto ao ensinamento de Bergson.

No entanto, Piaget afigura-se desconcertante, de tal forma numerosas são as vias que explora, e é conveniente procurar o sistema que sustenta toda essa multiplicidade. Por vezes, dir-se-ia filósofo, mas ele desentendeu-se com eles, tratando-os por «sábios» e recusando-se a conceder a mínima credibilidade científica a escritos que não se baseassem na experimentação; entre eles, só os lógicos mantiveram o contacto e, ainda assim, por vezes, tenso.

Piaget será, então, um psicólogo? Sim, mas para abordar melhor outros problemas e deslocar o campo da investigação psicológica para fazer epistemologia. Os Russos que o lêem atentamente, como relatado por René Van der Veer, censurar-lhe-ão a pouca importância que atribui ao factor social. Ele não se preocupa nada com os factos sociais (ao mesmo tempo que ensina a sociologia) e abandona o terreno da psicanálise com a qual salda rapidamente as contas.

Também não é verdadeiramente um pedagogo, se bem que mantenha uma grande ambiguidade neste domínio. Integrado no Gabinete

Internacional da Educação, frequentemente citado como teórico da Educação Nova, ele deseja – paradoxalmente? – estudar o pensamento da criança fora de qualquer influência externa e, em particular, fora da influência escolar, tal como Oelkers aqui recorda. Contudo, ele contribuiu muito para os progressos da pedagogia: recorrendo às suas teorias sobre o desenvolvimento da inteligência na criança e dos seus estádios, outros modernizaram a instituição escolar para fazer dela um instrumento ao serviço da criança e da compreensão mútua.

Menos de vinte e quatro anos depois da sua morte, é ainda muito difícil fazer o balanço e avaliar com precisão a totalidade dos contributos dados por Piaget à nossa cultura científica. Convinha, todavia, iniciar um trabalho que outros se encarregarão, certamente, de prosseguir.

*Jean-Marc Barrelet
Anne-Nelly Perret-Clermont*